



**primeiro** passo

(espontâneo) ao

encontro da descoberta do meu caminho particular, como artista plástica, foi a compreensão de que a gravura e, conseqüentemente, todo tipo de impressão é meio autônomo de produção artística, com processo interno independente de outros meios, principalmente da pintura.

Tal entendimento aconteceu quando trabalhava em oficinas de gravura em metal, pois minha formação especial em artes plásticas foi a gravura, além da básica em desenho, pintura e história da arte: então, se a pintura

fala de plano, cor, textura, gesto, a gravura falaria de repetição, reprodução, multiplicação, fragmentação.

A partir daí, meu trabalho passou a correr automaticamente para onde está hoje. Suas modificações brotaram (e brotam) do interior de um processo que sempre trilhou um caminho quase independente da minha vontade, um processo determinado pelo próprio trabalho. O que ainda era o que chamo de gravura “tradicional” (sem conotação pejorativa), preocupada com a perfeição do fazer, passou a ser algo mais amplo, do ponto de vista formal. Mas continuo a fazer “gravura”, na condição de conceito. Com o decorrer do tempo, percebi que não era simplesmente o meio que direcionava o meu pensamento e minha prática. A força propulsora

estava nas noções e conceitos embutidos no ato de reproduzir.

Então, posso afirmar que estes procedimentos conceituais são as questões que discuto no meu trabalho, principalmente por que são procedimentos que circulam pela contemporaneidade, e a existência deles afeta toda a visualidade contemporânea. Uma intuição que vem se confirmando através o próprio desenrolar da minha produção artística, todo este pensamento torna infinitas as possibilidades de um meio que alguns até afirmaram estar “morto e enterrado”. Para mim, é ainda muito jovem e excitante, mesmo que tenha nascido no século XIV. E seus descendentes, todos os novos media, como as técnicas de impressão por plotagem, impressoras a laser, jato de tinta

ou cera, matrizes digitais ou fotográficas, ao invés de substituir a gravura dita “tradicional”, somam suas forças na intenção de questionar a visualidade do nosso século, de discutir o viver contemporâneo.

Os trabalhos que compõem esta nova exposição continuam o caminho dos que mostrei na última, a do Museu Nacional de Belas Artes, Dezembro2001/Janeiro2002. Ainda estão os espelhos, impressos com imagens que, ao se repetirem e reproduzirem, pretendem o signo. Mas, se no MNBA não mostravam, em sua fragmentação, nem um vislumbre do todo, aqui revelam a imagem original, mesmo que transmutada. É certo que a escala ampliada ainda disfarça, e o reflexo, ainda é embaçado. Por isto, a analogia do título se faz presente, e a ligação com

os outros três trabalhos de chão, as “serpentes”, é análoga. As “serpentes” tratam do oculto, do que não se vê mas que existe, e portanto é real. A mesma imagem revelada parcialmente nos espelhos, aqui é totalmente escondida e, pelo ato de esconder, apresenta outra realidade, a do novo original, da obra de arte que é resultado de todos estes procedimentos. A antinomia, ou melhor, a dicotomia dos conceitos original e cópia é a questão que aflora, pois através a reprodução, a repetição, a cópia da imagem original (de uma certa forma), faz-se uma situação artística original, uma obra de arte única: fazer, com a cópia, um original, único e aurático.

**SOBRE MEU TRABALHO...**

**Monica Mansur**